

Vida noturna, a construção de um objeto de estudo para a Geografia

Vida nocturna, la construcción de un objeto de estudio para la Geografía

Nightlife, the Construction of a Subject to Geography

Nécio Turra Neto

necioturra@fct.unesp.br

Programa de Pós-Graduação em Geografia - UNESP/Câmpus de Presidente Prudente

Resumo: Pretende-se refletir de forma sistemática sobre o tempo da noite na produção da cidade e da vida urbana através de uma síntese da literatura voltada à vida urbana noturna – sem a pretensão de sermos exaustivos – sobre a relação entre vida noturna e a tendência de fragmentação socioespacial e sobre a hegemonia de modelos de diversão noturna que se impõem aos jovens, portadores de signos de modernidade e distinção social. O texto estrutura-se em duas partes, a primeira fala da noite urbana, desde sua conquista até a emergência de uma economia da vida noturna, pela qual este tema se torna interessante para a Geografia Urbana. Na segunda parte, exploramos o caráter formativo e civilizatório da oferta de vida noturna e apontamos para alguns dos seus riscos, sobretudo, quando consideramos os jovens como sujeitos em formação.

Palavras chave: Vida noturna, cidade, juventude, distinção social.

Resumen: Esperase reflejar de forma sistemática sobre el tiempo nocturno en la producción de la ciudad y de la vida urbana través de una síntesis de la literatura en relación a la vida urbana nocturna - sin la pretensión de ser exhaustivos - sobre la relación entre vida nocturna y la tendencia a la fragmentación socioespacial y sobre la hegemonía de modelos de diversión nocturna que se imponen a los jóvenes, modelos portadores de signos de modernidad y distinción social. El texto se estructura en dos partes, la primera parte habla de la noche urbana, de su conquista, hasta la aparición de una economía de la vida nocturna, temática que se vuelve interesante para la Geografía Urbana. En la segunda parte, exploramos el carácter formativo y civilizatorio de la oferta de servicios y comercio nocturnos y señalamos algunos de sus riesgos, sobre todo, cuando consideramos a los jóvenes como sujetos en formación.

Palabras clave: Vida nocturna, ciudad, juventud, distinción social.

Abstract: The paper tries to reflect systematically about the nighttime in the production of the urban space and urban life. For this, we do a synthesis of literature focused on nocturnal urban life - with no claim to be exhaustive - about the relations between nightlife and trend of socio-spatial fragmentation and the hegemony of nightlife models that have been imposed to young people as signs of modernity and social distinction. We divide the paper into two parts. The first one focuses the urban night, from its achievement to the emergence of nightlife economy, when the subject becomes interesting for Urban Geography. In the second part, we explore the educational and

civilization character of nightlife offer and we point to some of its risks, especially when we consider young people as individuals in learning.

Key words: Nightlife, city, youth, social distinction.

INTRODUÇÃO

A trajetória que queremos delinear aqui revela o processo pelo qual temos construído nosso objeto de estudo, como parte de um desafio que nos foi colocado, quando do engajamento num projeto de pesquisa coletiva, intitulado *Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo*¹. Este pretende estudar como os movimentos contemporâneos de expansão do capital, sobretudo, ligados à oferta de bens e serviços, têm se desdobrado em sua competição pelo mercado consumidor do interior do Estado de São Paulo e Paraná, adentrando em cidades médias e redefinindo tanto suas conexões na rede urbana, quanto seu espaço intraurbano, em processos que se tem nomeado de ‘reestruturação urbana’ e ‘reestruturação da cidade’ (SPOSITO, 2011). Acompanhando este movimento, tais lógicas econômicas, ao redefinirem as cidades, impactam também nos seus usos e nas práticas espaciais dos cidadãos. Como argumenta Amendola (2000), as mudanças nas cidades não são nunca apenas físicas ou econômicas e estruturais, mas também culturais. Muda junto a cidade das pessoas e suas práticas e lógicas econômicas e práticas espaciais são lidas como partes de um mesmo e indissociável movimento, capazes de nos dar acesso às transformações recentes que têm afetado cidades médias do interior.

Para quem vinha de uma trajetória de pesquisa preocupada com a elaboração de uma *Geografia das Juventudes* (TURRA NETO, 2010), os jovens foram tomados como ponto de partida para o recorte empírico da nossa frente de investigação no referido projeto. A prática espacial desses sujeitos e a oferta de bens e serviços mais diretamente voltada a este público foi o que nos conduziu a propor o estudo da diversão noturna, explorado agora de forma sistemática.

Assim, com ideias ainda muito incipientes, iniciamos um conjunto de investigações para identificar a oferta de vida noturna nas cidades, suas áreas de concentração (com possível formação de áreas centrais à noite) e as práticas espaciais juvenis que esta oferta tem o poder de desencadear e que, de certa forma tendem a confirmar as intencionalidades dos agentes econômicos. Diferentemente do postulado por Magnani (2005), os jovens não são apenas uma referência empírica do fenômeno, mas também uma categoria explicativa, na medida em que o ‘ser jovem’ conduz a experiências de cidade que são específicas desta idade e diferentes daquelas da criança, do adulto e do idoso, o que nos aponta para as particularidades deste sujeito social e de suas práticas espaciais.

Nossos primeiros achados empíricos foram nos conduzindo à temáticas que ajudaram a melhor construir o objeto de estudo e estabelecer alguns dos delineamentos teóricos,

1 Projeto Temático financiado pela FAPESP (Proc. 2011/20155-3) conduzida pelo coletivo de pesquisadores ligados ao Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), do Departamento de Geografia da FCT/UNESP - Campus de Presidente Prudente. O projeto considera seis cidades médias: Presidente Prudente, Marília, São Carlos, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto (no Estado de São Paulo) e Londrina (no Estado do Paraná).

que passaram a orientar as pesquisas que se desdobraram a partir da ideia inicial – e que foram esboçados em dois textos anteriores que, como este, também tinham o objetivo de construção do objeto de estudo (TURRA NETO, 2014; 2016).

Um primeiro achado empírico refere-se ao processo de descentralização da oferta de diversão noturna em direção à zona Sul da cidade de Ribeirão Preto. A nova oferta de diversão noturna, aquela dos bares e casas noturnas que se instalaram mais recentemente na cidade (e também as mais badaladas), concentrava-se em avenidas e áreas comerciais que já apresentavam grande prestígio social para as atividades diurnas, visto que próximas a novos produtos imobiliários de alto status social. Esta tendência, que depois foi identificada também em Londrina e São José do Rio Preto, levou-nos a elaboração de uma primeira e importante hipótese de trabalho: a relação entre oferta de vida noturna e a reestruturação da cidade, ou seja, a participação desta oferta no reforço da segregação de certos setores da sociedade, dificultando seu acesso às áreas importantes do ponto de vista da oferta de vida social e, conseqüentemente, na tendência à fragmentação socioespacial (vide Sposito e Goes, 2013, e Dall Pozzo, 2015).

Assim, pensar a oferta de vida noturna, em diálogo com os movimentos mais amplos de reestruturação urbana e da cidade, aponta para uma problemática de pesquisa em que a cidade, o espaço urbano e sua produção nos interessam. A cidade é não apenas o local onde o fenômeno que estudamos acontece, mas uma dimensão da realidade que participa da constituição do próprio fenômeno. Magnani (1992) oferece inspiração para mais este argumento, quando fala da dificuldade do antropólogo em estudar na cidade. Até que ponto a cidade lhe interessa? No nosso entendimento, a preocupação com a produção e reprodução da cidade, como parte importante da compreensão do próprio fenômeno é o que diferencia a Geografia da Antropologia, por exemplo.

Um segundo achado empírico refere-se à atuação de empresas que se desdobram em franquias e redes nas cidades de São José do Rio Preto, Londrina e São Carlos, o que nos levou a problematizar: - que oferta de diversão noturna é esta que difunde os mesmos formatos para jovens de contextos urbanos os mais diversos, de modo a promover uma standardização de práticas espaciais e de referências culturais? Uma oferta que chega aos lugares trazendo as imagens de modernidade e distinção social que já estão coladas às representações sobre as marcas que portam. Pereira (2016), no seu estudo da diversão noturna na cidade de Londrina, constatou que as casas noturnas mais badaladas da cidade, na divulgação de seus eventos, utilizam frequentemente termos como ‘internacional’, *glamour*, ‘nacional’, etc., expressões que remetem ao que há de melhor no mundo do entretenimento, vindo direto de grandes centros urbanos do país e do exterior. Tal constatação nos coloca diante de uma oferta altamente racionalizada e caracterizada por altos investimentos (diferente do padrão da oferta mais localizada), cujas escolhas locacionais, como já desenvolvido anteriormente, não são aleatórias na cidade, e que participa das tendências hegemônicas de produção do espaço urbano (TURRA NETO, 2016).

Tudo isto tem contribuído para o delineamento de um objeto de estudo que se afirma dentro do Projeto Temático citado, que justifica a incorporação do tema à Geografia Urbana e que conduz a abertura desta Geografia à preocupação com o que acontece na

cidade à noite. Um tempo que até então não foi devidamente explorado, ou que não está entre os tempos privilegiados pela Geografia Urbana.

O esforço neste texto, ainda no sentido de melhor delimitar e construir o objeto de estudo, explorando suas múltiplas dimensões constituintes, é refletir de forma mais sistemática sobre este tempo (a noite) e como aquilo que acontece à noite participa da produção da própria cidade e da vida urbana. Para isso, trazemos ao debate um esforço de síntese da literatura voltada à vida urbana noturna, que é, sobretudo, de origem estrangeira (GOIS, 2015), em articulação com os argumentos que já esboçamos em outros textos (sobre a relação entre vida noturna e a tendência de fragmentação socioespacial e sobre a hegemonia de modelos de diversão noturna que se impõem aos jovens locais, portadores de signos de modernidade e distinção social).

O texto estrutura-se em duas partes, a primeira fala da noite urbana, sua conquista, as imagens que comumente lhe são atribuídas e a emergência de uma economia da vida noturna, pela qual este tema se torna interessante para a Geografia Urbana. Na segunda parte, exploramos o caráter formativo e civilizatório da oferta de vida noturna e apontamos para alguns dos seus riscos, sobretudo, quando consideramos os jovens como sujeitos em formação.

NOITE URBANA: UM TEMA PARA A GEOGRAFIA

A noite, desde os primórdios da humanidade, nunca foi um tempo totalmente despovoado de práticas sociais. Com o domínio do fogo, rituais, caçadas e festas tinham lugar à noite. Eram atividades rarefeitas, que aconteciam de quando em quando, em sociedades diurnas. Na Roma antiga, contudo, a complexidade da vida urbana numa cidade de milhares de habitantes já havia uma legislação específica que regulava o tráfego noturno (MELBIN, 1978).

Mas, como argumentou Paquot (2000), foi necessário grande número de inovações técnicas e muita vontade política para que a noite se fizesse dia na cidade. E isto aconteceu muito recentemente na história. Para Melbin (1978), foi no século XIX, com a iluminação a carvão e a gás, que a sociedade urbana conheceu um primeiro grande estímulo para a difusão de atividades noturnas, o que cresceu enormemente com a invenção da lâmpada elétrica.

A iluminação artificial permitiu uma nova 'fronteira temporal', ocupada pelas mais variadas atividades de comércio e serviços, com uma grande dimensão de pessoas envolvidas, seja como trabalhadores, seja como consumidores e usuários das atividades que passaram a se realizar ou a estar disponíveis à noite (MELBIN, 1978). Uma verdadeira 'vida pública noturna' (GOIS, 2015) passa a existir. E como ocupar o tempo, ou usar o tempo não se faz sem o uso concomitante do espaço (MELBIN, 1978), a vida noturna não acontece em todos os lugares da cidade – o que denota que a conquista da cidade à noite é seletiva – formando centros de vida noturna, locais de grande visibilidade pública, altamente iluminados, em que os 'regimes de visibilidade' e controle diurnos funcionam

de forma a inibir práticas transgressoras, sempre muito associadas à noite (GOIS, 2015). Como argumenta Challéat (2011), a iluminação urbana tem uma participação crescente na fabricação da própria cidade e da vida urbana, não apenas na criação de uma atmosfera, mas na valorização diferencial dos locais da cidade, além de ter uma função política de controle, sob o manto do discurso da segurança. Para o autor, a iluminação em demasia tende a transformar o sentimento que se tinha em relação à noite, retirando dela seu conteúdo de fuga, liberdade e transgressão.

A noite sempre contou com um conjunto de representações ambíguas, ao mesmo tempo ligadas a possibilidades abertas e ao medo do crime e dos criminosos, das conspirações. Para Gois (2015), tais imagens estão fundamentadas numa visão dualista que, esquematicamente, separa dia e noite, ordem e desordem, trabalho e festa, segurança e perigo, regras e transgressão. Tal visão termina por essencializar a noite, tomando-a necessariamente como um tempo votado à práticas opostas àquelas do dia, à transgressão e à liberdade. Um tempo que estaria sendo cada vez mais colonizado, higienizado e padronizado, segundo os valores diurnos – a conquista da noite teria como consequência o arrefecimento das forças contestatórias e subterrâneas. Para o autor, tal visão obscurece o fato de que a noite urbana é muito diversificada. Ela varia também conforme os locais da cidade a que se faz referência, se mais ou menos luminosos; também a noite é variável segundo os sujeitos e suas ações. Conforme argumenta Alves (2010), a noite em certos locais da cidade pode desencadear um conflito entre os que trabalham, os que dormem e os que se divertem.

Certamente, é preciso fugir desta visão essencialista da noite, que delimita tão distintamente noite e dia, visto que há espaços em que a transgressão e contestação à ordem acontecem seja noite ou dia. Há outros em que a ordem se impõe com mais força – e a iluminação artificial estende este domínio para a noite. Contudo, é preciso reconhecer que a noite, como tempo livre, para a maioria das pessoas, é o tempo privilegiado para a proliferação na cidade de tais espaços e práticas. Certas práticas sociais que não se veem de dia, à noite encontram condições para acontecer, ou preferem acontecer à noite. Robinson (2009), por exemplo, apresenta um grupo de jovens que usa um parque e as ruas ao entorno durante a noite, numa prática de espaço que delimita seu espaço de ação, ao mesmo tempo em que altera a substância dos espaços usados. Práticas e usos que só são possíveis à noite, quando os usos normativos diurnos estão ausentes e o controle social se arrefece, sem que com isto deixe de existir – o que certamente envolve riscos. A noite é um tempo na cidade em que ruas e praças ficam mais desertas e podem receber outros conteúdos.

E é justamente por reconhecer esta dimensão da noite, como um tempo aberto, que se distingue do dia, num contexto de institucionalização espacial e temporal das práticas sociais, que Margulis (1997) afirma que à noite emerge outra cidade, com seus atores e espacialidades próprias. Um tempo que exerce grande fascínio e atração sobre os jovens contemporâneos, por ser o antípoda do tempo em que operam com mais força os poderes de pais, patrões e professores. Nesse sentido, para o autor, há uma hegemonia geracional do juvenil à noite, que acontece na ausência dos outros, dos que têm poder, que neste momento dormem.

Como elaborado por Comas (2000) se, a princípio, a diversão noturna para a juventude tinha conteúdos contestatórios, ao longo dos últimos 50 anos do século XX, as práticas de diversão e ócio na cidade foram capturadas pelo mercado do entretenimento, que tende a fazer dos jovens meros consumidores. Com isto, longe de reduzir a noite urbana a um tempo juvenil e a práticas de consumo, estamos delimitando um recorte na diversidade de sujeitos, práticas e lógicas econômicas. Estamos no campo do que se pode denominar de ‘economia da vida noturna’ que, certamente, não abarca tudo que acontece na noite, mas que circunscreve um campo que envolve oferta e consumo de vida noturna, em que os signos do que é juvenil são difundidos como possibilidades de consumo. Shaw (2014) argumenta que a economia da vida noturna é um campo de estudos que se limita a compreender o consumo do álcool e a indústria do lazer (normalmente de bares e clubes do centro das cidades, ligadas a estratégias de gentrificação). No mesmo sentido, Gois (2015) argumenta que a noite urbana é muito mais ampla do que aquilo que se considera nos estudos da economia da vida noturna, mas que foi a partir do debate neste campo que o tema da vida noturna ganhou o interesse de geógrafos urbanos, sobretudo da Geografia anglófona.

Retomando Margulis (1997), a noite urbana é um tempo de promessa de festa, em que os poderes estão menos vigilantes, por isto, a noite aparece aos jovens como uma ilusão libertadora, um imaginário vendido como um modelo a ser consumido. Trata-se, portanto, de um simulacro, uma festa comercial, organizada e controlada por outros. Os poderes estão ali presentes e, para participar, os jovens têm que aceitar as regras, adaptar-se. Robinson também chega a conclusões semelhantes, comparando os usos dos espaços livres e públicos com o consumo de certos espaços, como casas noturnas, formatadas para a diversão juvenil. Nas suas palavras: “Há uma contradição entre a necessidade das casas noturnas (*youth clubs*) de atingir os jovens e a necessidade de mudar seus comportamentos de algum modo. A casa noturna dá uma impressão de liberdade, que é logo negada” (ROBINSON, 2009, p. 504).

É a este caráter pedagógico e formativo da oferta de diversão noturna que passamos a nos dedicar na próxima parte do texto.

CONTEÚDO CIVILIZATÓRIO DA VIDA NOTURNA: UM DEBATE

Como já dissemos, a economia da vida noturna não abarca todas as atividades e práticas que acontecem à noite. Do mesmo modo, a oferta de vida noturna, as lógicas econômicas e as práticas espaciais juvenis que lhes são correlatas não abarcam todas as práticas espaciais de encontro, festa e entretenimento das juventudes locais. Como aparece no próprio texto do Projeto Temático, “Estudar as novas centralidades do lazer noturno [...] certamente não nos dará acesso à totalidade das práticas espaciais, mas àquelas práticas em que imperam o consumo e as imagens-símbolo do que é ser moderno e estar em sintonia com a vida urbana dos grandes centros” (SPOSITO, 2011, p. 17).

Estamos tratando de um fenômeno que podemos qualificar como *mainstream*, categoria que se aplica “[...] às ‘maiorias convencionais’ que não se estruturam em torno de um gosto musical seletivo e não se recusam à mídia e ao consumo” (ALMEIDA; TRACY, 2003, p. 181). Ainda que as autoras tenham reservas quanto a este termo, por considerarem que ele tanto porta um sentido pejorativo, de julgamento moral dos sujeitos sociais, quanto por reconhecerem que hoje as fronteiras entre o *mainstream* e o *underground* estão mais esfumaçadas, acreditamos que esta pode ser uma categoria relevante, justamente por permitir referenciar uma cultura de vida noturna que é feita em articulação com uma oferta de mercado para consumo de jovens, significando a adesão aos padrões de comportamento e aos modelos propostos e difundidos por esta mesma oferta.

É neste cenário de uma cultura da noite ligada à festa comercialmente oferecida no mercado que Margulis reconhece as mesmas formas de dominação e legitimação vigentes na sociedade instituída. Na noite em que os jovens são “atores de um teatro estrangeiro” (visto que consumidores de um gênero que lhes é ofertado), há pouca margem para escolhas realmente autônomas. “Las ofertas para la diversión nocturna están ya constituidas al ingresar el adolescente en la búsqueda de compañía, diversión, amor, pertenencia. Las modalidades vigentes en la cultura urbana actual imponen la noche, la nocturnidad como tiempo para los encuentros, para los contatos con iguales, para el logro de amistades, las promesas de romance, de sexo, de fiesta. [...] En neste momento, las posibilidades abiertas, los caminos, pasan mayoritariamente por la noche y por las alternativas que en ella se ofrecen” (MARGULIS, 1997, p. 17).

Shaw (2010), a partir de uma produção acadêmica crítica sobre economia da vida noturna argumenta que, para o caso das cidades inglesas, em que a vida noturna está sendo colonizada por grandes corporações multinacionais (tal como apresentam também HOLLANDS e CHATTERTON, 2003), estão se formatando subjetividades neoliberais, em que prevalece escapismos momentâneos da vida cotidiana regrada e uma identidade hedonista, alimentada por um controle multifacetado do humor dos consumidores *in situ*. Para o autor, este formato de economia da vida noturna joga um papel importante na redefinição da identidade de classe, na medida em que controla (e oferece poucas alternativas) as atividades de diversão e sociabilidade da classe trabalhadora (retirando de suas mãos a autonomia de proposição).

Esta oferta de vida noturna tem, portanto, um conteúdo civilizatório inegável, visto que estimula a formação de identidades individuais e coletivas com conteúdos de modernidade, ao mesmo tempo que consumistas. É por isto que consideramos que esta oferta e consumo de vida noturna devem ser mais profundamente compreendidos, dado seu inegável conteúdo político e potencial de socialização de novas gerações segundo certas práticas e visões de mundo. Como argumenta Margulis (1997), a cultura da noite tem um efeito de aculturação.

Como temos argumentado, esta noite animada como esfera de vida pública, a partir de uma oferta ligada a diversão, tem sua espacialização na cidade condicionada pelas lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano (TURRA NETO, 2014, 2015), de modo que não se distribui aleatoriamente, mas com tendência a concentrar-se em espaços mais

luminosos. São espaços de espetáculo urbano e da cultura de massa (DIÓGENES, 1998), nos quais os jovens são socializados em dinâmicas globalizantes e em novos padrões de consumo cultural (CASTRO, 2004). Nelas, está a maior movimentação da cidade, nos finais de semana à noite e, para elas, afluem consumidores de diferentes filiações sociais, culturais e territoriais.

Para que os moradores das periferias pobres das cidades participem desse movimento, devem realizar grandes investimentos no plano do consumo (de bens culturais, de meios de transporte, do próprio espaço urbano), às vezes muito além de suas possibilidades concretas. Ao mesmo tempo, sua presença, sempre indesejada, é um sinal de popularização dos novos espaços de concentração, alterando o conteúdo de suas centralidades, o que aponta para tensões de diversas ordens. Para um panorama das práticas de jovens moradores de periferias pobres no campo da diversão noturna, veja os trabalhos de Pereira (2012) e Ramos (2017).

Por outro lado, pessoas de classe média e alta têm maior mobilidade e podem circular intensamente pela cidade, não necessitando se filiar a nenhum espaço específico. Contudo, não podemos perder de vista que, em cidades médias, as opções são bem mais limitadas. A falta de opções é um dos fatores para que se imponha uma maior mistura social, revelando uma particularidade desse conjunto de cidades ao compará-las com outras. Mistura social que nunca chega a se dar completamente, uma vez que muitas barreiras simbólicas são erguidas, mesmos nas áreas da cidade mais luminosas e para as quais afluem jovens de diversas classes de renda. Nas casas noturnas, todo um aparato de distinção social também é colocado em prática, a partir de espaços diferenciados, da ostentação ligada a certas bebidas e as formas como estas são apresentadas no momento do consumo (PEREIRA, 2016).

Esta vida noturna que classificamos como *mainstream*, portanto, tal como argumenta Margulis (1997, p. 17), “... es etnocêntrica, clasista y, hasta podríamos decir, racista”, ao que acrescentamos também o adjetivo de machista, visto as evidências de casas noturnas que usam de estratégias comerciais onde as mulheres aparecem também como um elemento de propaganda (SOUZA, 2017; PEREIRA, 2016).

Desse modo, na cultura da noite *mainstream* comparecem também as dinâmicas de distinção, exclusão e hierarquia sociais. É nesta direção que as mais recentes evidências empíricas que temos produzido na pesquisa estão nos conduzindo, apontando para a pertinência do pensamento de Bourdieu (1990, 1995), sobretudo no que se refere à sua teorização sobre distinção social, que envolve *habitus*, gostos, posições de classe num espaço social, com correspondências num espaço físico. Nesta direção, também nos deparamos com o conceito sociológico de classe social, ainda não totalmente incorporado às nossas pesquisas. Consideramos também que a incorporação deste debate nas pesquisas deve considerar as mudanças de posicionalidade das classes na sociedade brasileira, em que algumas fronteiras anteriormente bastante demarcadas foram tensionadas nas últimas décadas (questão que parece estar colocada em torno da polêmica ideia de nova classe média).

Diversos autores também apontam nesta direção. Hollands e Chatterton (2003) argumentam que a vida noturna nunca foi privilégio das elites, mas estas sempre tiveram locais

diferenciados, que funcionavam como mecanismos de distinção social. A vida noturna, seus espaços, certos estabelecimentos e atividades foram sempre utilizadas para distinguir as classes sociais entre si. Atualmente, a proliferação de marcas de *pubs* e a atuação de grandes corporações, nas cidades inglesas, tendem a reforçar esta tendência de práticas de vida noturna como estratégias de distinção social. Para os autores, os espaços de diversão em que imperam as marcas de redes e franquias (fenômeno ainda não difundido nas cidades que estamos estudando) são espaços estilizados, seguros, higienizados, controlados. Fazem parte de uma vida noturna massiva e comercialmente orientada, ofertada a jovens que buscam escapismos aos finais de semana. São espaços de previsibilidade. Gois (2015), por sua vez, realiza uma aproximação entre Bourdieu e Geografia, para argumentar que a materialidade da noite tem um papel comunicativo sobre os seus usuários (e consumidores) capaz de condicionar comportamentos (e construir fronteiras simbólicas). Lugares que tendem a reproduzir distinções sociais e suas barreiras. Para o autor, estar num lugar nos coloca numa certa posição social, que orienta nossa ação. A partir de nossa posição no espaço, criamos uma prática de espaço que se torna *habitus*. O espaço físico porta estruturas sociais e as comunica, educando os sujeitos segundo suas posições.

Nesta mesma direção, já argumentamos em outro momento (TURRA NETO, 2015) que, a nova oferta de diversão noturna que identificamos nas cidades estudadas portam em si os signos de modernidade e de distinção social, tanto porque reproduzem formatos de diversão presentes nos grandes centros urbanos, dando aos jovens locais a ideia de que participam de um mundo urbano ampliado e metropolitano, quanto porque nos preços praticados, na sua localização no conjunto da cidade, “[...] é possível identificar estratégias empresariais que selecionam o público e, assim, colocam-se no mercado como espaços e formas de diversão desejáveis, mas que só podem ser consumidas por uma parcela da sociedade – onde se pratica toda sorte de ostentação, mas também onde se realizam investimentos altos para se poder participar” (TURRA NETO, 2015, p. 6).

Não podemos, contudo, desconsiderar que, ao lado deste conjunto de intencionalidades empresariais, em sinergia com mídia, consumo e mercado imobiliário, que participam tanto da produção da cidade, quanto da produção de uma cultura de vida noturna, existem os sujeitos sociais e suas práticas, as potencialidades de cruzamento de fronteiras, de contestações à ordem imposta, além, é claro, da adesão irrestrita a estas intencionalidades. Enfim, é preciso perguntarmo-nos sobre as práticas espaciais e seus sentidos, para produzimos uma compreensão também a partir de dentro da vida noturna. Almeida e Tracy (2003) e Malbon (1998) oferecem perspectivas de dentro de grupos juvenis que experimentam intensamente a noite da cidade, apresentando estes sujeitos em sua inerente complexidade, escutando-os no que têm a dizer sobre si mesmos e suas práticas. Malbon (1998) procura refletir sobre a vida urbana que cria a necessidade de tempos e espaços de escapismos. Positivamente, analisa a prática de frequentar as casas noturnas, entendidas como espaços de experimentação e ajuntamento. Reconhece ali uma experiência sensual e total, da qual todo detalhe participa e comunica. A música cria uma atmosfera que Shaw (2010) reconhece como forma de controle social, que é consumida em

uma excitação momentânea em direção a um esquecimento dos problemas pessoais, um mergulho interior para sair de si, em direção ao grupo.

Nesse sentido, queremos fechar este texto apontando para a necessidade de abertura das pesquisas à escuta dos sujeitos sociais. Tal escuta tem sido nosso mais difícil desafio, visto que, via de regra, tem acontecido nos próprios locais de encontro e diversão, nos bares e casas noturnas, com barreiras claras ao emprego de estratégias qualitativas de pesquisa. Ao mesmo tempo, exige dos pesquisadores e pesquisadoras em campo o estabelecimento de relações empáticas com sujeitos cujos referenciais culturais são desqualificados no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.I.M. de; TRACY, M. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- AMENDOLA, G. **La ciudad postmoderna: magia e miedo de la metrópolis contemporánea**. Madri: Celeste Ediciones, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.
- _____. **Physical space, social space and habitus**. Raport 10. Oslo: Universitet Oslo, 1995.
- CASTRO, L.R. de. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- COMAS, D.A. Agobio y normalidad: una mirada critica sobre el sector “ocio juvenil” en La España actual. **Estudios de Juventud**, n. 50, p. 9-22, 2000.
- DAL POZZO, C.F. **Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas: os territórios do consumo segmentado de Ribeirão Preto e Presidente Prudente**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - UNESP, Campus de Presidente Prudente - SP.
- DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop**. São Paulo: Annablume/ Fortaleza, Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.
- GÓIS, M.P.F. de. **Paisagens noturnas cariocas: formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ.
- HOLLANDS, R.; CHATTERTON, P. Producing nightlife in the new urban entertainment economy: corporatization, branding and Market segmentation. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 27, n.2, p. 361-85, June 2003.
- MALBON, B. The club: clubbing: consumption, identity and the spatial practices of every-night life. In: SKETON, T.; VALENTINE, G. (ed.). **Cool places: geographies of youth cultures**. London/ New York: Routledge, 1998. p. 266-286.
- MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 191-203, 1992.
- _____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov. 2005.
- MARGULIS, M. La cultura de la noche. In: _____. et al. **La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires**. Buenos Aires: Biblos, 1997. p. 11-30.
- MELBIN, M. Night as Frontier. **American Sociological Review**, v. 43, p. 3-22, Feb. 1978.
- PAQUOT, T. Le sentiment de la nuit urbaine aux XIXe et XXe siècles. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, n. 87, p. 6-14, 2000.

- PEREIRA, M.C. **Diversão noturna das juventudes prudentinas**: o caso da mancha de lazer do Jardim Bongiovani. 2012. Monografia (Bacharelado em Geografia) – UNESP, Campus de Presidente Prudente – SP.
- PEREIRA, M.C. **Geografia da noite**: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina – Paraná. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UNESP, Campus de Presidente Prudente – SP.
- RAMOS, E.C.M. “**Tudo junto e misturado**: rolês e fluxos dos jovens das periferias” – Capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Campus de Presidente Prudente – SP.
- ROBINSON, C. Nightscapes and leisure spaces’: an ethnographic stud of young people’s use of free space. **Journal of Youth Studies**, v. 12, n. 5, p. 501-514, Oct. 2009.
- SHAW, R. Beyond nighttime economy: affective atmospheres of the urban night. **Geoforum**, v. 51, p. 87-95, 2014.
- _____. Neoliberal subjectivities and the development of the nighttime economy in British cities. **Geography Compass**, v. 4, n. 7, p. 893-903, 2010.
- SOUZA, A.R.F. de. **Mulheres no espaço noturno: da diversão à objetificação – um estudo de caso em Presidente Prudente – SP**. 2017. Monografia (Bacharelado em Geografia) – UNESP, Campus de Presidente Prudente – SP.
- SPOSITO, M.E.B. **Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo**. 2011. Projeto Temático FAPESP (Geografia) – UNESP, Campus de Presidente Prudente- SP.
- _____; GOES, E. M. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.
- TURRA NETO, N. Geografia da juventudes: uma pauta de pesquisa. In: PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P. da; SOUZA, E. B. C. de (org.). **Teorias e práticas territoriais**: análises espaço-temporais. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.85-97.
- _____. Áreas centrais de lazer noturno e estruturação do espaço urbano em cidades médias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7, 2014, Vitória. **Anais...**
- _____. Relações entre sociabilidade juvenil e mercado da diversão noturna em cidades médias. In: PAULA, F. M de A.; CAVALCANTI, L. de S.; PIRES, L. M. (Org.). **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 359 – 377.